

O social em detrimento do público e do privado, em Hannah Arendt

Miguel Midões*

2008

Índice

1 Introdução	1
2 Esfera pública, a esfera da acção	2
3 A dicotomia Público vs Privado	4
4 A emergência do social	6
5 Conclusão	8
6 Bibliografia	10

1 Introdução

A escolha para tentar compreender como a esfera social, com a emergência da “sociedade”, na época moderna, acaba por aniquilar, pelos menos, a maior parte dos elementos das esferas públicas e privadas, passando estas de certa forma para a esfera social, recai sobre Hannah Arendt por esta ser uma “referência do pensamento político do século XX”¹. Aliás, Carla Martins, na sua comuni-

*Mestrando em Comunicação Pública, Política e Intercultural Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

¹ Apesar da referência a Arendt estar mencionada em PIRES, Edmundo Balsemão, *Espaços Públicos, Poder e Comunicação*, Edições Afrontamento, Porto, 2007., a citação pertence a Carla Martins, uma vez que esta obra se trata de uma organização de várias comunicações proferidas entre 3 e 5 de Dezembro de 2005, na Faculdade de Letras da Universidade de

cação intitulada de “Do espaço público à esfera social”, em Dezembro de 2005, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, considera que o espaço público, o poder e a comunicação são “os três pilares da obra arendtiana”, e acabam por se interligar e dar origem àquilo que é político.

Hannah Arendt é uma referência no pensamento político porque pensa como filósofa que sempre foi, até ao dia da sua morte a 4 de Dezembro de 1975, se bem que viria a encontrar “um hiato profundo entre a política e a filosofia”², anos mais tarde. Essa diferença estava ainda mais esbatida nos conceitos de “*vita activa*” e “*vita contemplativa*”, termos que serão desenvolvidos mais à frente neste trabalho.

Sempre analisou a política, mas nos anos 30 foi obrigada a entrar em acção devido aos sistemas totalitários que marcavam um pouco toda a Europa, acabando por enveredar pelo sionismo. A Segunda Guerra Mundial marca o seu afastamento dos assun-

Coimbra, num congresso internacional direccionado ao tema “Espaço Público, Poder e Comunicação”. No entanto, a própria Carla Martins tem uma obra inteiramente dedicada à análise do Espaço público em Hannah Arendt.

² Idem, p.75.

tos políticos, embora não se veja impedida de continuar a pensar a política, “a reflectir como política e não ser um animal político”³.

Há um conceito central em toda a sua obra “A Condição Humana”, que nos permite depois estabelecer uma distinção mais clara entre as esferas pública, privada e social, a *polis*. A *polis* era o espaço público de referência na Grécia, o espaço onde havia a discussão das grandes ideias, o espaço onde só tinham acesso os grandes homens livres. É um conceito que, nos próximos capítulos deste trabalho, tal como aparece em Arendt, opõe-se à vida em família, à privacidade e ao privado, bem como ao individualismo característico de uma sociedade, nascida com o aparecimento do social, da economia como ciência central. A *polis*, como local público, era o local que primava pela retórica, a arte de persuadir, do *docere* (Ensinar), *movere* (comover pelos sentimentos) e *delectare* (seduzir). Retórica esta que só podia co-habitar entre aqueles que fossem “sujeitos de uma cidadania”⁴.

Arendt, estabelece que o ser político é viver na polis e isso implicava que tudo fosse decidido “mediante palavras e persuasão, e não através da força e da violência”⁵, pois estes são aspectos da vida privada, do lar e da família. São aspectos que designa como “pré-políticos” e que são “típicos da vida fora da polis”⁶. Vai também estabelecer que a esfera da polis é a esfera da liberdade que esta, de certo modo, não existe no seio da

esfera privada e que acabará por desaparecer, ainda que talvez não por completo, com a ascensão da esfera social.

A ascendência da sociedade é para Arendt “a elevação do lar doméstico ou das actividades económicas ao nível do público”, ou seja, os interesses que até outrora se limitavam à esfera privada tornam-se de interesse colectivo.

Com este trabalho pretendemos estabelecer as fronteiras entre cada uma das esferas e uma melhor compreensão da emergente esfera social que, de um modo geral, é o espaço que caracteriza o mundo contemporâneo, onde domina o poder económico sobre o político e o público, onde o indivíduo está cada vez mais centrado em si. O mundo contemporâneo onde a retórica perdeu grande parte da sua força, ela que era também um dos aspectos fundamentais do espaço público. Um mundo contemporâneo onde a vida privada de cada um é, cada vez mais, trazida à discussão pública.

2 Esfera pública, a esfera da acção

“A acção, a única actividade que se exerce directamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade”⁷

Pluralidade é um termo que aparece bem relacionado com tudo o que diz respeito à esfera pública, pluralidade de ideias, de argumentos, por oposição à individualidade, à vida centrada no *labor*, ou quando muito ao indivíduo isolado da esfera social. Mas, para

³ Idem, p.76.

⁴ CARDOSO E CUNHA, Tito, *Argumentação e Crítica*, Minerva Coimbra, Coleção Comunicação, Coimbra, 2004, p.19.

⁵ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, Relógio D’Água, Lisboa, 2001, p.41.

⁶ Idem, p.42.

⁷ Idem, p.20.

entendermos melhor como os conceitos *pluralidade – acção – esfera pública* podem estar interligados, devemos seguir o raciocínio de Arendt e dividir as condições humanas em três aspectos: o *labor*; o *trabalho* e a *acção*. São estas as três condições básicas, pelas quais a vida foi dada aos homens na terra, segundo Hannah Arendt.

Em traços gerais, o *labor* é a actividade do ser humano que corresponde ao processo biológico em si; a condição humana do *labor* é a própria vida. Já quanto ao *trabalho*, este é o artificialismo da existência humana. É o mundo artificial das coisas e tem, por isso, como condição humana, a mundanidade. Por último, temos a *acção*, que se resume à actividade exercida entre os homens, as suas interligações e inter-relações, que não necessitam de qualquer mediação. A *acção* preza pela pluralidade e esta é a sua condição humana, enunciada por Arendt. Pluralidade no sentido de que somos todos humanos, completamente diferentes uns dos outros e jamais existiu ou vai existir alguém igual a nós.

É através destes conceitos e das diferenças que há entre eles, que podemos concluir que todas as actividades da *vita activa* estão relacionadas com a existência humana e que são elas que possibilitam a Arendt, na sua obra “A Condição Humana”, relacionar esfera privada com *labor*, onde o indivíduo (dá mesmo como exemplo o escravo na Grécia Antiga) nasce com determinado “*labor*”, que o prende a uma actividade, a uma posição e a uma condição, como a da “não liberdade”, no caso do escravo, que o impede de participar na esfera pública. Arendt estabelece ainda a relação entre *acção* e esfera pública, diz mesmo que a *acção* é a actividade política por excelência: “além disso, como a *acção* é a actividade política por excelência, a nata-

lidade e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição com o pensamento metafísico”⁸.

A expressão *vita activa* é tão antiga como o pensamento político, contudo não o é mais antiga, o que nos leva a crer que uma surgiu com a outra, ou que são sinónimas. *Vita activa* é para Aristóteles a vida do “*bios politikos*”, (a esfera dos assuntos humanos, onde não entra nem o *labor*, nem o *trabalho*, porque estes eram característicos daqueles que “serviam e produziam o que era necessário e útil” e que “não podiam ser livres e independentes das necessidades e privações humanas”⁹), os que são dignos de uma vida autónoma e humana, enquanto que em Agostinho é a vida dedicada aos assuntos políticos e públicos.

Este conceito sofre alterações quando desaparecem as cidades-estado e a *polis* gregas. A *vita activa* perde o seu significado político e significa agora todo o envolvimento activo nas coisas do mundo. Será então pertinente dizermos que a *vita activa*, segundo o conceito mais actual, é característica da esfera social que analisaremos mais à frente? Será que também esta característica típica da esfera pública se dilata e entra no social?

Há ainda a referir, com certa importância, a oposição que Arendt estabelece entre *vita activa* e *vita contemplativa*. Com esta transformação do conceito de *vita activa*, a contemplação passa a ser a única forma de vida livre. Aliás, do ponto de vista da contemplação, a *vita activa* é encarada como o desassossego, a inquietação. Hannah Arendt pretende apenas com a distinção afirmar que “o

⁸ Idem, p.21.

⁹ Idem, p.25.

enorme valor da contemplação na hierarquia tradicional obscureceu as diferenças e manifestações no âmbito da própria *vita activa*¹⁰.

Carla Martins, na sua comunicação acerca “Do Espaço Público à Esfera Social”, conclui a sua exposição sobre *vita activa* enunciando que a obra arendtiana, “de estilo ensaístico, é atravessada por clássicas oposições, geralmente dentro dos enquadramentos triplicados: trabalho, labor e acção; julgamento, pensamento e vontade; passado, presente e futuro; privado social e público”¹¹.

3 A dicotomia Público vs Privado

Ao ler Arendt fica-se com a noção clara de que público e privado são dois conceitos opostos e que os aspectos de cada um deles são ímpares e singulares, mesmo que mais tarde se tenha noção que estas características, de um e de outro, se misturam na esfera do social, ou melhor, convivem.

Para falarmos nesta dicotomia, acima descrita, temos que, obrigatoriamente, relacioná-la com outra: polis vs família. A esfera pública é a esfera da política, a esfera da *vita activa*, onde se atinge a condição de humano. Arendt considera na sua obra, atrás referenciada, que “a actividade do *labor* não requer a presença de outros”¹² e, por isso, quem labora “em completa solidão” não é humano, mas apenas um *animal laborans*. Logo, o que nos leva a concluir que todos os que têm o *labor* como a sua condição humana, não são humanos.

¹⁰ Idem, p.29.

¹¹ PIRES, Edmundo Balsemão, *Espaços Públicos, Poder e Comunicação*, Edições Afrontamento, Porto, 2007, p. 77.

¹² ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, Relógio D'Água, Lisboa, 2001, p.39.

Esfera Pública: Com o surgimento das cidades-estado e *polis* gregas, o homem adquire uma segunda vida. Para além da sua normal vida familiar (esfera privada), o homem atinge o seu “bios politikos”. Com a esfera pública, só duas actividades eram consideradas como políticas e que possibilitavam a um homem atingir o seu “bios politikos”: a *Praxis* (a acção) e a *Lexis* (o Discurso). “O discurso e a acção eram tidos como coevos e co-iguais, da mesma categoria e da mesma espécie”¹³.

Praticamente todas as acções políticas, e ainda nos dias de hoje, são realizadas através de palavras. Mas, a escolha destas palavras não podia ser arbitrária. Tratava-se “de encontrar as palavras adequadas no momento certo”¹⁴.

O discurso era o objecto central da *polis*. Quem não tinha acesso à *polis*, também não tinha acesso ao discurso, como era o caso dos escravos, dos bárbaros e até das mulheres, que eram “aneu logou”, não tinham como preocupação central raciocinar com os outros.

Arendt considera que há dois tipos de espaço público: - num primeiro, como o espaço público implica pluralidade, “tudo o que vem ao público tem que ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível”¹⁵, bem como tem a faculdade de aparecerem diversas perspectivas acerca do mesmo. “Nas condições de um mundo comum, a realidade não é garantida pela natureza comum de todos os homens que o constituem, mas sobretudo pelo facto de que, a

¹³ Idem, p.41.

¹⁴ Idem, p.41.

¹⁵ PIRES, Edmundo Balsemão, *Espaços Públicos, Poder e Comunicação*, Edições Afrontamento, Porto, 2007, p. 79.

despeito das diferenças de posição e resultante variedade de perspectivas, todos estão interessados no mesmo objecto”¹⁶. Este é um espaço onde apenas o que é *relevante* tem lugar e pode ser digno de ser visto e ouvido, por isso Arendt conclui que tudo o que é irrelevante “torna-se automaticamente assunto do privado”¹⁷. – numa segunda noção, o espaço público é o próprio mundo, que é caracterizado pela sua durabilidade e estabilidade. Aqui, a realidade depende da durabilidade das coisas que são criadas pela mão humana, que acaba por ser quase sempre maior que o tempo de vida do seu autor. Aqui, neste espaço, o *mundo é comum* a todos os homens, que estão reunidos “na companhia um dos outros e, contudo, evita que colidamos uns com os outros”¹⁸. Uma noção que aparece por oposição à sociedade de massas, onde o mundo entre as pessoas já não é comum e perdeu a força para mantê-las juntas.

Conclui-se que, no espaço público, os homens permanecem pelo que dizem e pelo que fazem, para além da sua presença física. O homem nasce como um estranho, mas tem a vontade e a faculdade de criar algo de novo no mundo. Arendt advoga mesmo que a identidade do ser humano é construída na esfera pública, o que nos pode levar também ao seguinte questionamento: o fim da esfera pública implicará uma crise de identidade?

Esfera Privada: Tudo o que é “não político” tem lugar nesta esfera. Contudo, há sempre uma relação próxima entre público e privado. Por exemplo, para participar na *polis* (público), o cidadão tinha que obrigatoriamente ter uma casa (privado). Também

todos aqueles que não fossem considerados como cidadãos estavam condenados a terem apenas uma vida privada, pois só os iguais tinham acesso à *polis* e, por norma, nos lares reinava a desigualdade, onde o chefe de família era quem detinha o maior poder.

Na esfera privada existe a *necessidade*; “os homens viviam juntos por serem a isso compelidos pelas suas necessidades e carências”¹⁹, e também prevalecia a *falta de liberdade*. Este aspecto apenas era conquistado na esfera pública. No privado reinava a hierarquia, o domínio, o poder, todos eles conceitos considerados por Arendt como “não políticos”, ou “pré-políticos”. “Todo o conhecimento de domínio e de submissão, de governo e de poder no sentido em que o concebemos, bem como a ordem regulamentada que os acompanha, eram tidos como pré-políticos, pertencentes à esfera privada e não à esfera pública”²⁰.

A família era o centro da desigualdade, o chefe de família era o dominante e só ele era considerado livre, pois “tinha a faculdade de deixar o lar e ingressar na esfera política, onde todos eram iguais”²¹, eram comuns.

A esfera privada é o espaço da *propriedade*, no entanto, a “avaliação” da entrada de um indivíduo na esfera pública, está, mais tarde, relacionada com a propriedade que o indivíduo detém.

Nesta esfera, o indivíduo está “privado de viver algo mais permanente que a própria vida”. O homem privado não é humano porque não se dá a conhecer, logo é encarado como se não existisse. Mas, era nesta esfera que o indivíduo, mesmo com acesso à esfera

¹⁶ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, Relógio D'Água, Lisboa, 2001, p.73.

¹⁷ Idem, p.66.

¹⁸ Idem, p.67.

¹⁹ Idem, p. 45.

²⁰ Idem, p. 46.

²¹ Idem, p.47

pública, guardava a sua *privacidade*. Uma característica que é ameaçada com o surgimento da esfera social.

4 A emergência do social

O termo sociedade, encarado como um “conjunto de famílias economicamente organizadas de modo a constituírem uma (...) única família sobre-humana”²², acaba por ser a confusão entre as fronteiras das esferas pública e privada. A experiência ateniense desaparece e surge aquilo a que Carla Martins, na sua comunicação chama de “esfera híbrida - que nem é privada, nem é pública”. Há quem defenda, tal como Arendt de que esta se trata de uma extensão da esfera familiar à esfera social; os assuntos ligados ao privado que agora se tornam públicos. “Com a ascendência da sociedade, isto é, a elevação do lar doméstico (*Oikia*) ou das actividades económicas ao nível público, a administração doméstica e todas as questões antes inerentes à esfera privada da família transformaram-se em interesse colectivo”²³.

Esta nova esfera, que vai colocar em causa os conceitos de comunidade política e de domínio privado, surge na modernidade e Carla Martins considera que contribuíram para a ascensão social, os seguintes factores históricos: “o liberalismo e a transformação do significado da propriedade privada; a separação entre Estado e sociedade civil; a eclosão dos movimentos operários suscitada pela industrialização e produção em massa”²⁴.

À parte dos factores históricos, está visto

²² Idem, p.44.

²³ Idem, p.48.

²⁴ PIRES, Edmundo Balsemão, *Espaços Públicos, Poder e Comunicação*, Edições Afrontamento, Porto, 2007, p. 82.

que Arendt define a esfera social como uma administração doméstica colectiva, onde a *economia* é a ciência política, que tem como organização, a nação. Aqui, a política molda-se e perde os seus contornos que assumia na esfera pública, segundo Arendt é encarada como uma função da sociedade, pelo mundo moderno, onde discurso, acção e pensamento são estruturas assentes no interesse social.

A esfera social vai também permitir a introdução do *labor* no domínio público, ele que é regido pela satisfação das necessidades, e está em constante crescimento, o que vai impedir que, tanto o privado como o político resistam ao seu domínio. “No recobrimento do público pelo privado – do espaço público pelas preocupações domésticas, da política pela economia – generaliza-se a inevitabilidade natural necessidade e o processo devorador da vida”²⁵. Com esta passagem do labor ao domínio público, assistimos à transformação das comunidades modernas de operários e assalariados, pois esta é “a actividade que permite a sobrevivência individual e a continuidade da espécie”²⁶; algo que está bem representado no filme “Os Tempos Modernos”, de Charli Chaplin.

Na análise a Arendt, Carla Martins considera que as principais alterações no **Plano Político**, com a hegemonia da esfera social são:

1. A política passa a estar assente num interesse social, o que também dificulta a fronteira entre as duas esferas;
2. O privado, e também a intimidade, mais do que o espaço da necessidade, é tam-

²⁵ Idem, p.83.

²⁶ Idem, p.83.

bém o espaço da contemplação, da reflexão e criações artísticas, embora continue a invocar o “estar só” e não a pluralidade. Considera que Arendt supõe que o social possa querer agrupar privado e intimidade;

3. Com a esfera social, a liberdade política está colocada em causa;
4. Com a ascensão do social, o homem é visto como um todo e não na pluralidade. Muda-se o conceito de igualdade e surge o *conformismo*, considerado como o último estágio da evolução política.
5. Por fim, e talvez aquela que é mais falada nos dias que correm, a esfera do social afasta os homens da relação com os assuntos políticos. (Um facto fácil de comprovar com a cada vez maior abstenção que existe no nosso país, sejam as eleições legislativas, autárquicas ou europeias) – atitude “apolítica”.

Analisando o segundo ponto que nos fala da *intimidade*, é importante sublinhar que Arendt considera que existe uma relação estreita entre o social e o íntimo. “O surpreendente florescimento da poesia e da música, a partir de meados do século XVIII até quase ao último terço do século XIX, acompanhado do surgimento do romance, a única forma de arte inteiramente social, coincidindo com o não menos surpreendente declínio de todas as artes mais públicas (...) constitui testemunho suficiente de uma estreita relação entre o social e o íntimo”²⁷.

²⁷ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, Relógio D’Água, Lisboa, 2001, p.53.

Na esfera social é o *consumo* que ocupa um lugar importante e todos se centram nessa meta, o que nos pode levar a dizer que a sociedade conduz à normalização de comportamentos. Um comportamento padronizado que vem substituir a acção. É sempre esperado, numa sociedade, que perante determinada situação, o indivíduo se comporte de uma determinada maneira; os indivíduos “normalizam-se de acordo com determinadas regras”²⁸. Arendt dá-nos o exemplo das sociedades de classes, onde o comportamento varia consoante a classe e a posição social. Classes e grupos que, mais tarde vêm a ser absorvidos pela **sociedade de massas**, onde existe uma sociedade única, onde a esfera social “abrange e controla, igualmente e com a mesma força, todos os membros de determinada comunidade”²⁹.

É também nesta esfera do social, neste contexto de sociedade, que surgem as **ciências sociais**, denominadas ao mesmo tempo como ciências do comportamento, de onde surge a economia com a sua máxima força.

Ainda com o social, a ideia de *propriedade*, que antes se relacionava apenas com o privado, passa a ser uma preocupação também da esfera pública. Tudo porque a propriedade moderna, que surge com Karl Marx, é a força do trabalho, ou seja, “perdeu o seu carácter mundano e passou a situar-se na própria pessoa”³⁰. O homem passa a poder confiar apenas numa única propriedade, o mesmo é dizer que apenas pode confiar em si, no seu talento e na força do seu trabalho.

²⁸ PIRES, Edmundo Balsemão, *Espaços Públicos, Poder e Comunicação*, Edições Afrontamento, Porto, 2007, p. 85.

²⁹ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, Relógio D’Água, Lisboa, 2001, p.55.

³⁰ Idem, p.83.

Também o conceito de *riqueza* sofre alterações, a partir do momento em que passa a ser discutido na esfera pública. É uma valência exclusiva da esfera privada que deixa de o ser.

Contudo, há características, das esferas pública e privada, que são mantidas, mesmo com a ascendência da esfera social, como é o caso da *excelência*, que continua a ser uma mais valia da esfera pública. Esta é a capacidade que uma pessoa tem em sobressair, no que respeita ao exercício de algo. “Nem mesmo a esfera social (...) pôde aniquilar completamente a conexão entre a realização pública e a excelência”³¹, diz-nos Arendt, mesmo que o social dê especial destaque ao progresso da humanidade e não às descobertas e realizações pessoais.

Uma das características do privado que não passou para o domínio público e que mesmo com o domínio do social, continua no caminho do privado, é a *privacidade* das quatro paredes de uma casa. Inclusive na sociedade contemporânea, este continua a ser o “único refúgio seguro contra o mundo público comum”. Ou não! Temos como exemplo os “Big Brother”, onde um conjunto de pessoas se deixa filmar dentro de uma casa, dentro de quatro paredes, torna toda a sua intimidade e privacidade como objectos do interesse e do domínio público. Este pormenor escapa a Arendt, no sentido de que a ideia desde tipo de “Grande Irmão”, já é posterior à sua morte, no entanto, ela mesma já o previa ao dizer que a sociedade está em constante evolução.

Mesmo perante um domínio inegável da esfera social, tudo o que deve ser exibido permanece no domínio da esfera pública e

tudo o que deve ser ocultado permanece no domínio da esfera privada. “A distinção entre esfera pública e esfera privada (...) equivale à diferença entre o que deve ser exibido e o que deve ser ocultado”³².

5 Conclusão

É nítido que com o surgimento da esfera social, público e privado são incorporados no mesmo contexto, perdem as suas diferenças, pois a passagem dos assuntos privados para a esfera pública implica uma adaptação desta mesma esfera, que passa a denominar-se social. Vive-se numa sociedade, em que todos buscam o mesmo, a sua realização pessoal, onde até o poder, considerado por Arendt como característica do privado, tenta “utopicamente” estar nas mãos de todos, como chega a defender “comunisticamente” Karl Marx.

Contudo, é necessária uma análise crítica a Arendt, pois são vários os estudiosos que tecem críticas ao seu pensamento. Odílio Alves Aguiar, professor do departamento de Filosofia, na Universidade do Ceará, no Brasil, lembra, por exemplo, que em Arendt “Social e Económico são a mesma coisa” e que “um não existe sem o outro”³³. Aguiar considera que, desta forma, a relação arendtiana com o privilégio que é dado ao económico, faz com que retenhamos a ideia de que “é como se toda a sociedade acabasse por originar uma situação de escravização”³⁴. Uma sociedade onde fracassou a ideia de liberdade, porque a importância que o labor atingiu na vida pública, “invadiu também o tempo livre, onde

³² Idem, p.85.

³³ AGUIAR, O., *The social question in Hannah Arendt, Trans/Form/Ação*, São Paulo, 2004, p.8.

³⁴ Idem, p. 10

³¹ Idem, p.63.

tudo passa a ser visto em função da abundância”³⁵.

Concluimos ainda ao ler Arendt que “o social retirou da política a dimensão da publicidade e da esfera privada a ocupação com a esfera das necessidades.”³⁶ Aliás, o apogeu do social, com o surgimento da sociedade de massas vai, segundo Arendt, causar uma confusão entre o social e o político. Portanto, o social para Arendt é a forma de vida que surgiu com a modernidade (e que nós podemos dizer que vigora ainda nos dias de hoje), onde todas as actividades humanas são funcionais, e onde a organização dos homens impõe que estes não passem de “meros meios, funções, para a realização do progresso, e assim como tais, como seres singulares, se tornam supérfluos”³⁷. Estas são algumas das razões que criam a animosidade de Arendt para com a esfera social, que é nítida no seu livro “A Condição Humana”. Outras razões há, como o social significar “o fim da liberdade para agir, para começar algo de novo, (...) o fim da faculdade de pensar”³⁸.

A ideia da emergência do social fica aqui exposta de uma forma superficial, mais como um guia de leitura do que como um trabalho de análise, pois para compreender o verdadeiro conceito arendtiano de sociedade e de social é necessário ler toda a sua vasta obra, como “Origens do Totalitarismo”, “O que é a política?” ou “Da Revolução”, entre outros.

Em última análise, e porque não se refere propriamente a Hannah Arendt, mas a Jürgen Habermas e ao seu conceito de esfera pública, claro está muita vez invocado por Arendt, há quem defenda que a noção haber-

masiana de espaço público está a ser recuperada pelas novas formas ciberespaciais do jornalismo e pelos novos espaços de debate público, como é o caso dos fóruns “on-line”.

A Internet vem possibilitar o renascimento desta esfera “autónoma, edificada pelo meio de troca pública de opiniões, alimentada por uma racionalidade comunicativa”³⁹. Como Habermas define a esfera pública como “um espaço de livre acesso, onde os cidadãos se encontram para debater e, racionalmente desenvolver argumentos sobre as questões da vida comum”⁴⁰, podemos então com as novas tecnologias estar a recuperar, mesmo no seio da esfera social, determinadas características da esfera pública, ao podermos no ciberespaço estar a argumentar, em fóruns, blogs, ou outros meios, sobre qualquer assunto da nossa vida comum, e sem qualquer objectivo económico, bem como já existem, inclusive, jornais “on-line” que são criados através dos seus próprios leitores, que acabam por poder escrever os artigos, que compõem a publicação. Esta é, sem dúvida, uma questão de alento tanto para Habermas e Arendt, que defenderam severamente a esfera pública, como para nós que podemos analisar esta questão mais tarde.

³⁵ Idem, p. 10

³⁶ Idem, p. 10.

³⁷ Idem, p.13.

³⁸ Idem, p. 13.

³⁹ BRITTES, Juçara, *Internet, Jornalismo e Esfera Pública: estudo sobre o processo informativo do ciberespaço na formação de opinião*, São Paulo, 2003 (Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicação e Artes, USP), p.1.

⁴⁰ Idem, p.2.

6 Bibliografia

AGUIAR, O., *The social question in Hannah Arendt, Trans/Form/Ação*, São Paulo, 2004.

ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, Relógio D'Água, Lisboa, 2001.

BRITTES, Juçara, *Internet, Jornalismo e Esfera Pública: estudo sobre o processo informativo do ciberespaço na formação de opinião*, São Paulo, 2003 (Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicação e Artes, USP).

CARDOSO E CUNHA, Tito, *Argumentação e Crítica*, Minerva Coimbra, Coleção Comunicação, Coimbra, 2004.

PIRES, Edmundo Balsemão, *Espaços Públicos, Poder e Comunicação*, Edições Afrontamento, Porto, 2007.